



Sub Influência¹

Gustavo PEREZ²
Samuel MALBON³

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Documentário artístico sobre a influência da música na cidade de São Paulo. Foram entrevistadas pessoas de diferentes tipos e idades, com a intenção de criar um panorama válido da influência da música na sociedade contemporânea paulistana. Também está registrada e reforçada pelas técnicas de montagem, a fusão entre o pensamento, a palavra e o ambiente sonoro de maneira que o espectador tenha a oportunidade de capturar o espírito dos depoimentos de uma forma mais sensorial.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; documentário; influência; música; São Paulo;

1. PROPOSTA

O documentário procura mostrar como os locais, as paisagens e situações típicas de uma cidade podem inspirar sonoridades (som, ruídos e músicas) para as pessoas. Ele acompanha o dia a dia de anônimos, músicos, bem como pessoas de perfis econômicos sociais e culturais diferentes. A idéia fundamental deste documentário é mostrar as diferentes relações que essas pessoas têm com a música dentro desse ambiente. Queremos mostrar que a relação com a música que ouvem no dia a dia nem sempre é casual e que isso tem impacto sobre suas ações. Para isto, usaremos uma linguagem estética que combinará sonoras, imagens da cidade, recursos gráficos e música.

2. OBJETIVOS

- Apresentar a relação que as pessoas têm com a música dentro da cidade ao longo do dia de trabalho ou lazer;
- Mostrar que a música inspira as pessoas e como ela interfere no seu dia e estado de espírito.
- Mostrar que a cidade (endereços, paisagens e situações) possui sonoridades (sons, ruídos e músicas) diferentes e das mais diversas origens;

3. JUSTIFICATIVA

Ouvir música casualmente, num primeiro momento, pode parecer superficial. Porém, música é uma arte sensorial que está presente no dia a dia das pessoas, influenciando-as

¹ Trabalho apresentado XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio

² Graduando do Curso de Rádio e Televisão do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, email: gustavopagan@gmail.com

³ Graduando do Curso de Rádio e Televisão do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, email: samuelmalbon@gmail.com



das mais diversas formas e interferindo em seu bem estar físico e mental. Por isso, a necessidade de uma análise mais profunda dessa relação entre nós e a música. No caso desse vídeo documentário, utilizamos uma abordagem que parte do ambiente e movimento urbano (não apenas o urbano do metal e concreto) que nos cerca, da sonoridade e música que estes lugares nos sugerem, para a análise da somatória destes elementos. Isto nos dá um panorama razoável do significado da música na vida cotidiana dos cidadãos.

4. FORMATO

Referente às características que definirão a forma deste vídeo seguem os seguintes quesitos.

4.1 Linguagem

Para desenvolver este documentário utilizamos os seguintes elementos, fundamentais. O áudio, que será constituído pelos ruídos da cidade, sonoras dos entrevistados e a música que os representará; as imagens da cidade que ilustrarão o ambiente que sugere estes sons e músicas e o conteúdo discursivo falado ou escrito; por fim, recursos gráficos que vão colaborar na representação de todos os elementos anteriores.

4.2 Direção

O surgimento de câmeras como a Canon EOS 7D e Canon EOS 5D MKII definiu a criação de uma nova linguagem estética no mundo da produção audiovisual contemporânea. Estas novas ferramentas permitiram captação de vídeos em Full HD e utilização de lentes que permitem um refinamento maior da imagem por um preço acessível. Neste vídeo utilizamos estas câmeras, o que foi essencial para atingirmos a estética cinematográfica que procurávamos.

A linha principal da direção foi captar a entrevista em áudio e vídeo – que aparece em alguns momentos em sincronia e, em outros, não – e fazer uma mistura de imagens de momentos em que a pessoa se mobiliza com a música ou com o próprio discurso, além do áudio do depoimento e a música propriamente dita. Além disso, a partir do áudio captado nas entrevistas, em determinados momentos, buscamos **mostrar diferentes** perspectivas sonoras, através da montagem, em uma diferente configuração do equilíbrio, a partir dos sons que cercam o depoente.

4.3 Direção de Fotografia

Sobre a direção de fotografia destacam-se dois aspectos principais. A textura da imagem e o enquadramento contam com momentos estéticos diferentes. Dependendo do conteúdo e da intensidade do discurso do entrevistado ou escrito, trabalhamos com níveis de saturação e granulação diferentes. Em momentos mais introspectivos utilizamos recursos de saturação e granulação que aproximaram a textura da imagem de uma película de cinematográfica. O inverso acontece em momentos menos parábólicos – a cidade, o urbano, o real – em que assumimos uma linguagem mais sólida e sóbria. Ainda sobre o teor do conteúdo, o enquadramento conversa diretamente com o grau de intimidade do discurso do entrevistado – dele com o ambiente e dele com a intensidade da mensagem – sendo mais fechado em momentos mais profundos e abertos em

momentos mais casuais. A composição destes quadros conduz a atenção aos dois elementos fundamentais da obra – o ambiente sonoro e a pessoa.

4.4 Entrevistados

Para serem personagens do documentário procuramos personagens que tem potencial para colaborar com o tema. Preferencialmente, buscamos pessoas que já tem algum ofício, mas que encontram na música o mote de seu trabalho ou lazer. Nestes moldes selecionamos as seguintes pessoas.

- Murilo Romão: Murilo é skatista profissional e costuma ouvir música pra inspirar suas sessões. Para ele, a música é o que o inspira a fazer suas manobras e para cada lugar onde ele pratica o esporte ele ouve um tipo de som diferente.
- Kika Goldstain: Kika é artista plástica e musicista. Ela pinta quadros ao vivo e o número está sempre atrelado a música. Ela já participou de programas de televisão como o Programa Novo, da Rede Cultura e acompanha shows ao vivo com a sua arte. Ela também estuda música e toca cello.
- Georgia Guerra Peixe: Ela é diretora, cineasta e atualmente trabalha na Bossa Nova Filmes.

Por outro lado, percebemos que houve necessidade de fugir do óbvio em um determinado momento do documentário e procuramos extrair o que queremos – a inspiração para a música e o que o ambiente sugere musicalmente – de personagens do cotidiano, através do que eles pensam em relação aos sons, ruídos e músicas que os cercam. Para estes casos fomos a diferentes lugares da cidade de São Paulo e entrevistamos pessoas aleatórias, em busca de obter depoimentos que contribuíssem com o tema.

5. REFERÊNCIAS

- **Tokio 2009-2010 por Alary Romain**

O vídeo Tokio 2009-2010 do artista Alary Roamin apresenta a cidade de Tokio de uma maneira bem interessante que mistura técnicas de stop motion e formas de edição inusitadas de áudio. É uma ótima referência de como apresentar uma cidade usando os recursos de captação de imagem, montagem e edição Sonora.



Figura 1 – Tokio 2009-2010

- **Koyaanisqatsi: Life out of balance**

Documentário lançado em 1983 dirigido por Godfrey Reggio⁴ com música do compositor Philip Glass⁵. A trilha sonora deste documentário possui grande importância, pois o desenrolar tem a velocidade e o tom ditados por ela. Não existem diálogos e também não são feitas narrações durante todo o documentário. Algumas cenas são passadas mais rapidamente e outras mais lentamente que o normal, criando, com a trilha sonora, uma idéia diferente da passagem do tempo. Vários dos efeitos apresentados se tornaram recursos muito usados em outros filmes e programas de televisão. Este documentário serve como referencia para o projeto no que se diz respeito à montagem.

Figura 2 – Koyaanisqatsi



Figura 3 – Koyaanisqatsi

- **Morphologic – Morphologic Studios 2010**

A série de vídeo Morfologia, produzida pelo Morfologia Studio, é uma combinação de trilhas sonoras estimulantes com imagens graficamente alteradas no intuito de se criar visuais e paisagens interessantes no vídeo. É uma ótima referencia de técnicas de vídeo artísticas, como a correção de cor e o uso de filtros fotográficos altamente saturados e contrastados.



Figura 4 – Morphologic

⁴ **Godfrey Reggio**, nasceu em 29 de março de 1940, New Orleans, é um diretor de cinema estado-unidense especializado em documentários experimentais.

⁵ **Philip Glass**, nasceu em Baltimore, 31 de janeiro de 1937, é um compositor de música minimalista americano e está entre os compositores mais influentes do final do século XX.

- **Mindfield Alien Workshop**

Mindfield Alien Workshop é um documentário de skate que reúne imagens de centenas de cinegrafistas, com as mais diferentes linguagens e tons em uma só peça. O filme apresenta 10 skatistas e suas manobras, cada um em sua cidade natal. As ferramentas que os realizadores usaram para apresentar seus personagens variam entre vídeo grafismos e vídeo artes. Cada personagem tem uma montagem exclusiva e diferentes trilhas. É uma ótima referência de como se estruturar de maneira não óbvia imagens de diferentes naturezas.



Figura 5 – Mindfield Alien Workshop

- **Acidente - Documentário de Cao Guimarães e Pablo Lobato (2006)**

Um poema composto por 20 nomes de cidades de Minas Gerais, Brasil, é o corpo rítmico deste filme, que se abre ao imprevisto e ao improvisado. Instigados pelos nomes destas cidades, Cao Guimarães⁶ e Pablo Lobato percorrem por uma primeira vez cada uma delas. Num movimento de imersão e submersão, o filme se faz através de duas camadas narrativas - uma formada pela história do poema e outra pelos eventos ordinários que surgem acidentalmente diante da câmera em cada uma das cidades. Percepção aberta para deixar-se mesclar ao cotidiano de cada lugar e atenta para eleger um acontecimento qualquer, possível de se relacionar com o poema e capaz de revelar o quanto a vida é imprevisível e acidental. É uma ótima referência de estrutura de documentário, enquadramentos e tipos de iluminação não óbvia.



Figura 6 – Acidente

⁶ Cao Guimarães (Belo Horizonte, 1965) é artista plástico e cineasta brasileiro.



6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

6.1 Documentário

Documentário é o termo usado para dar nome a um domínio específico do cinema. O filme documentário apresenta informação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos reais, geralmente retratados por meio de imagens e sons. Mas não é a factualidade por si só que define os filmes documentários, mas sim o que o realizador faz com esses elementos factuais, ou seja, como ele os organiza fatos e realidades em uma narrativa, como ele apresenta essa “realidade” documentada.

Dentre todas as possibilidades de temas, formatos, estilos e espécies que o termo documentário contempla, destaca-se um propósito fundamental que define sua característica diferencial: a capacidade da câmera registrar o fenômeno da realidade. Essa capacidade, que constituiria a natureza fotográfica de modo geral, é o que define e distingue o documentário de outros formatos audiovisuais.

A partir deste conceito são abertas infinitas possibilidades para a realização de um trabalho documental – podemos abordar desde um fato histórico antigo até o cotidiano contemporâneo de alguma pessoa em especial ou de um aspecto interessante da natureza terrestre até os confins do universo. Porém, o que reúne todas essas possibilidades em uma categoria são as tecnologias (a câmera, geralmente) que permitem que essa captação aconteça.

6.1.1 Tipos de documentário

- Documentário Poético: O documentário poético reúne fragmentos do mundo de modo poético. Temas concretos são abordados de uma forma subjetiva. Neste tipo de documentário ocorre uma falta de especificidade, o resultado é abstrato demais.
- Documentário Expositivo: O documentário expositivo trata diretamente de questões do mundo histórico. Este tipo de documentário expõem os assuntos de uma maneira excessivamente didática, que exagera de fatos e um discurso literal.
- Documentário Observativo: O documentário observativo, como já diz o nome, tem como principal característica observar, ou seja, documentar o que realmente ocorre, evitando a encenação e o comentário. Este tipo de documentário observa as coisas conforme elas acontecem, não há intervenção do realizador sobre as ações do objeto.
- Documentário Participativo: O documentário participativo busca contar uma história, fato ou evento que ocorreu no passado através de entrevistas com os participantes do tal evento. Este tipo de documentário usa imagens de arquivo para tentar recuperar a história. Muitas vezes os realizadores de documentários participativos põem muita fé nos seus testemunhos, o que pode desviar a realidade do fato.
- Documentário Reflexivo: O documentário reflexivo questiona a forma do documentário. Neste tipo de documentário o realizador busca gerar uma reflexão no espectador e não explicar literalmente algum fato. Esta forma de informar tira a familiaridade que os outros tipos de documentários têm.
- Documentário Performático: O documentário performático enfatiza os aspectos subjetivos de um discurso classicamente objetivo. A perda de ênfase na



objetividade pode relegar este tipo de documentários as vanguardas. Ocorre o uso “excessivo” de estilo.

6.2 Som e imagem: Considerações sobre a montagem e edição

Edição e montagem é unir cenas separadas e trechos independentes, no objetivo de dar uma forma a estes fragmentes. O montador tem uma função onde é necessário um desenvolvimento técnico e sensorial sobre a capacidade de fazer filmes. Técnico, pois o **montador precisa dominar o aparato técnico para desempenhar sua função. Ele** precisa da tecnologia, seja ela qual for, e de ferramentas para desempenhar seu trabalho. Sensorial, pois a montagem envolve um repertório referencial cultural e uma grande necessidade de conhecimento sobre a narrativa. É algo que envolve repertórios sensoriais e técnicos. A função de montador nasceu a partir da lógica da divisão do trabalho de fazer filmes.

“O filme nasce no argumento, revela-se na realização e concretiza-se na montagem. A montagem começa no argumento, quando o argumentista escreve as cenas, e continua na realização, dado que o realizador é o responsável pelo início e fim de cada cena, e tem de observar uma série de regras essenciais para que o montador, na sala de montagem, possa levar a cabo o seu trabalho.” (EISENSTEIN, 1949)

Sergei Eisenstein (1949) analisou como a montagem era utilizada no cinema americano e chegou à conclusão que a montagem era o fator mais específico do cinema. Segundo ele, no cinema, se pode manipular espaço e tempo para criar novos significados. Esta apropriação de sentidos e significados acontece através dos recursos e possibilidades de montagem. Ele leva o espectador a uma forte contraposição entre o conteúdo do som e da imagem através de uma montagem inteligente. Eisenstein introduziu também uma técnica de construção fílmica baseada em atrações. Nela, juntam-se numa seqüência planos mais ou menos tomados em espaços diferentes para fazer com que eles tenham um terceiro significado. Eisenstein explicou sua teoria em uma série de ensaios onde ele propunha o choque da tese e da antítese, sua superação, gerando uma síntese. As mudanças de planos são repentinas, pois, para ele, o impacto de um filme acontece em função do ritmo da montagem e não necessariamente do enredo.

6.3 Arte e Mídia

Os autores Arlindo Machado⁷, Nelson Brissac Peixoto⁸ e Michael Rush⁹ dão base as questões que norteiam este projeto como vídeo arte, intervenções artísticas urbanas e novas mídias nas artes contemporâneas.

Sobre os trabalhos com mediação tecnológica Arlindo Machado levanta um aspecto quanto às experiências de diálogo nos meios de comunicação de massa e outro quanto às experiências artísticas utilizando recursos tecnológicos. A arte mídia, segundo o autor, se refere a expressões que extrapolam o plano técnico. O autor busca um entendimento entre os termos mídia e arte quando reflete se a mídia é uma forma de arte

⁷ Arlindo Machado é doutor em comunicações e professor do programa de pós-graduação em comunicação e semiótica da PUC/SP e do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP.

⁸ Nelson Brissac é professor na PUC-São Paulo, é doutor em filosofia pela Universidade Paris I.

⁹ Michael Rush é escritor e também diretor do Rose Art Museum na Brandeis University.



ou se a arte usa a mídia como meio. Segundo ele, é cada vez mais difícil pensar na produção de arte sem a presença das tecnologias da eletrônica e da informática. Ele questiona se esse fato é a promessa de um novo renascimento ou atesta a decadência da arte. Mantendo essa questão no horizonte de sua argumentação, o autor se ocupa em identificar os pontos de ruptura definidores de uma cultura das sociedades informatizadas em que as máquinas estão por toda parte, servindo inclusive de ferramenta para a criação artística.

O livro “Arte e Mídia”, de abrange uma série de aspectos sobre a atualidade, incluindo a tentativa de definição do campo das chamadas poéticas tecnológicas, as questões colocadas pela produção de imagens computadorizadas e o surgimento de suportes artísticos “imateriais”, a expressão de novas formas de sensibilidade através do vídeo e da televisão, e até mesmo os efeitos da máquina sobre nossos padrões de percepção e modelos de conhecimento. Percebemos então uma grande quantidade de trabalhos realizados com o uso da tecnologia, mas o que parecia ser um período de descoberta e invenção logo se revelou “uma banalização de rotinas já cristalizadas na história da arte”. Podemos concordar plenamente com o autor quanto a questão do excesso de produção padronizada com a integração de valores dominantes, como se a arte fosse um “merchandising” da tecnologia usada. Embora ele faça esta reflexão através deste olhar descrito acima, ele também questiona a maturidade dos nossos critérios de julgamento e crítica, argumentando que a avaliação desses trabalhos deveria servir para uma contribuição efetiva para os conceitos de arte e cultura. O autor coloca que qualquer coisa feita no computador e disponibilizada na Internet é super valorizado, sem relação a seu valor na definição de uma arte da civilização tecnológica.

Michael Rush coloca que no século XX houve um questionamento quanto à persistência da pintura como meio privilegiado de representação. A arte moderna, ao refletir e definir novos desenvolvimentos tecnológicos, científicos e intelectuais, ampliou radicalmente as mídias convencionais da escultura e da pintura. Seguindo idéias inovadoras sobre representação e o uso livre de materiais no Cubismo, Futurismo e Surrealismo. Ele exemplifica este questionamento com a introdução de outros recursos diferentes da tinta como forma de produção artística por artistas como Picasso.

O século XX é o período experimental, onde os artistas incorporam novos materiais ao seu trabalho: objetos prontos ou fragmentados, mudança de foco para o mais pessoal, uso de novos meios tecnológicos para expressar significado e novas idéias de tempo e espaço. Segundo o autor, a velocidade com a qual este século criou um mundo conectado eletronicamente reflete-se nas artes em geral. O artista contemporâneo busca o melhor meio possível para fazer uma declaração pessoal de arte. A revolução tecnológica direcionou a arte para áreas antes dominadas por técnicos.

Outro aspecto proposto pelo autor é a respeito do aspecto temporal, pois imagens digitalizadas e editadas em computadores não mais respeitam as fronteiras de passado, presente e futuro. Os artistas que passaram a usar as tecnologias nas suas expressões artísticas procuram fazer declarações pessoais sem levar em consideração o aspecto comercial do que fazem.



7. BIBLIOGRAFIA

CURRAN, Sheila. Documentário – Técnicas para uma produção de alto impacto (2ª Ed.). Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia (3ª Ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

RUSH, Michael. Novas mídias na arte contemporânea (1ª Ed.). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

EISENSTEIN, Sergei. A Forma do Filme (1ª Ed.). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1990.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário (4ª Ed.). Campinas, SP: Editora Papyrus, 2005.

PEIXOTO, Nelson. Paisagens urbanas (4ª Ed.). São Paulo: Editora Senac, 2003.

MASCARELLO, Fernando. História do cinema mundial (2ª Ed.). Campinas, SP: Editora Papyrus, 2006

SERRATE, Gustavo. Breve resumo da história do documentário. Disponível em: <http://culatra.wordpress.com/2009/05/28/breve-resumo-da-historia-do-documentario/>. Acesso em 22 de Maio de 2010, às 11h30min.